

# “Scenas da secca”, de 1878: o folhetim desaparecido de Rodolfo Teófilo

## “Scenas da secca”, from 1878: the Missing Novel by Rodolfo Teófilo

**Atilio Bergamini Junior**

Universidade Federal do Ceará (UFC)

Fortaleza | CE | BR | CNPq

atiliobergamini@ufc.br

<http://orcid.org/0000-0003-3613-373X>

**Resumo:** O ensaio apresenta a hipótese de que Rodolfo Teófilo publicou no jornal *Constituição: Órgão do Partido Conservador* um folhetim anônimo com o título de “Scenas da secca”, do qual sobreviveram partes de três capítulos (III, IV e V) entregues entre 3 de outubro de 1878 e 12 de dezembro de 1878. Capítulos anteriores e posteriores a este período ficaram perdidos junto com os números hoje desaparecidos do jornal. A confirmação da autoria do folhetim se dá por meio de um cotejo com o romance *A fome: cenas da seca do Ceará*, publicado por Teófilo em 1890. A ideia é que o folhetim foi reescrito e adaptado por Teófilo para se tornar um romance em livro, em um gesto de cuidado do autor com a memória da grande seca de 1877-1879, uma das maiores catástrofes humanitárias vividas no Brasil.

**Palavras-chave:** Rodolfo Teófilo; folhetim; seca de 1877-1879.

**Abstract:** The essay presents the hypothesis that Rodolfo Teófilo published in the newspaper *Constituição: Órgão do Partido Conservador* an anonymous feuilleton novel with the title “Scenas da secca”. Parts of three chapters (III, IV and V) of the novel were published in the newspaper between October 3, 1878 and December 12, 1878. Chapters published before and after this period were lost along with the now missing issues of the newspaper. The authorship of the feuilleton is confirmed through a comparison with the novel *A fome: cenas da seca do Ceará*, published by Teófilo in 1890. The idea is that the feuilleton was rewritten and adapted by Teófilo to become a novel in book form, a gesture of care by the author towards the memory of the great drought of 1877-1879, one of the greatest humanitarian catastrophes experienced in Brazil.

**Keywords:** Rodolfo Teófilo; feuilleton; great drought.



Em 1890, Rodolfo Teófilo publicou o romance *A fome: cenas da seca do Ceará* (na primeira edição, *A fome: cenas da secca do Ceará*), obra que narra a migração da família Freitas do sertão do Ceará para Fortaleza, durante a grande seca de 1877-1879, e as providências tomadas por ela para sobreviver ao trabalho forçado, à corrupção de comissários do governo, à epidemia de varíola e à fome<sup>1</sup>. Protagonizada por Manuel de Freitas, a obra desenvolve a aproximação amorosa entre sua filha, Carolina, e Edmundo, órfão que pôde estudar a duras penas. Carolina e Edmundo cresceram juntos, ficaram anos sem se ver, e se reaproximam em Fortaleza durante a seca. Enquanto isso, o comissário do governo, Simeão de Arruda, tenta tomar Carolina como sua amante, e, para isso, engana Edmundo, enviando-o para trabalhos mortais na extração da borracha na Amazônia. Josepha, esposa de Manuel, dialoga com ele ao longo da narrativa a respeito de medos e de esperanças que vai elaborando em meio ao colapso das redes de solidariedade populares ocasionado pela efetivação do dinheiro como mediação universal.

O romance de Teófilo sobre a grande seca – uma das mais catastróficas crises humanitárias já ocorridas no Brasil, vitimando, no então chamado Norte, quase 5% da população do país na época (Campos, 2014) – foi publicado depois do romance de José do Patrocínio, que esteve no Ceará, passando por Alagoas e Pernambuco, entre maio e setembro de 1878. Durante seu trajeto, Patrocínio enviou aos periódicos *O Besouro* e *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro, fotografias e reportagens a respeito da seca. No ano seguinte, já de volta ao Rio, entregou nos folhetins da *Gazeta de Notícias*, entre 29 de junho e 10 de dezembro de 1879, o romance *Os retirantes*, sem demora enfeitado em livro de grande circulação, a julgar pelos anúncios de livreiros publicados nos jornais da época. Assim, a grande seca foi a princípio representada em duas obras literárias – já que *Luzia-Homem*, de Domingos Olímpio, é de 1903 –, sendo a de Rodolfo Teófilo tardia e devedora da obra de Patrocínio. Este é, em resumo, o modo mais recorrente de apresentar os livros de Teófilo e Patrocínio. Contudo, ele precisa ser revisado à luz das fontes apresentadas ao longo do presente ensaio.

As próximas páginas vão demonstrar que Teófilo publicou ou iniciou a publicação presumivelmente em setembro de 1878 de um folhetim intitulado “Scenas da secca” no jornal de Fortaleza *Constituição: Órgão do Partido Conservador* – ou ainda do “partido Conservador adiantado”. Sobraram entre os exemplares remanescentes do periódico nos arquivos brasileiros fragmentos deste folhetim, recuperados entre alguns dos números dados ao público entre 3 de outubro e 12 de dezembro de 1878, sempre sem assinatura, razão pela qual podem ter passado despercebidos pelos estudos a respeito da literatura e da trajetória de Teófilo. A comparação entre o romance de 1890 e o que resta do folhetim de 1878, todavia, não deixa dúvidas de que Teófilo concluiu em livro doze anos depois a reescrita do texto inicialmente publicado no jornal, em 1878.

Chegaram até a atualidade números esparsos do jornal *Constituição: Órgão do Partido Conservador* e as informações a respeito dele são tão esparsas quanto sua sobrevivência material. No *Catálogo dos jornais de grande e pequeno formato publicados no Ceará*, da tipografia Minerva, publicado em 1904, consta que o periódico começou a circular em 24 de setembro de 1863, semanalmente, e, a partir de seu segundo ano, diariamente. O *Catálogo* acrescenta que *Constituição* encerrou suas atividades dois dias depois da Proclamação da República. O principal redator do órgão foi Justiniano de Serpa, responsável por dar forma jornalística às

---

<sup>1</sup> Este artigo faz parte de pesquisa apoiada pelo CNPq, com bolsa de produtividade em pesquisa.

ideias do “partido conservador adiantado”, abolicionista, em oposição às ideias de outras frações do partido conservador apresentadas em Fortaleza sobretudo pelo periódico *Pedro II*.

A coleção mais completa que encontrei dos exemplares de *Constituição: Órgão do Partido Conservador* é a reproduzida na Hemeroteca Nacional Digital, que reúne as digitalizações realizadas por várias outras bibliotecas. Entre estes números esparsos remanescentes aparece um romance-folhetim publicado a partir do final de 1878 com o título “Scenas da secca”. O título dele é parecido com “Scenas da secca de 1845”, folhetim coetâneo que Araripe Jr. publicava em *O Vulgarizador*, periódico que circulava na Côrte. Todavia, não há dúvidas de que se trata de dois folhetins completamente distintos. Em *O Vulgarizador*, o tema é a seca de 1845, de grande impacto, mas tida pela narrativa como coisa do passado; já no *Constituição*, o tema é a seca de 1877-1879, que ainda estava em andamento.

Outros jornais do período não trazem qualquer referência a respeito da autoria de “Scenas da secca”, o que não deixa de ser estranho, já que geralmente comentavam e até mesmo reproduziam os textos uns dos outros. Porém, se não foi possível encontrar ecos do folhetim do *Constituição* e de seu autor em outros periódicos, tais ecos são abundantes no livro de Rodolfo Teófilo publicado doze anos depois. As personagens são as mesmas; o foco narrativo é similar; o enredo é idêntico e subenredos coincidem; metáforas se repetem; enfim, trechos inteiros do folhetim de 1878 reaparecem em *A fome: cenas da secca*, publicado em 1890.

Justiniano de Serpa, que redigia o *Constituição* quando da publicação do folhetim, e Rodolfo Teófilo entrecruzariam suas trajetórias em diversos momentos, seja nas intervenções abolicionistas na Fortaleza do final dos anos 1870 e início dos anos 1880, de que ambos, cada qual a seu modo, participaram, seja na atuação no Clube Literário ou em periódicos como *A Quinzena* (1887-1888) (Neto, 1999; Souza, 2016). Neste último, Teófilo publicou o conto “O lazareto”, que, assim como o folhetim de que estamos tratando, foi retrabalhado e incorporado ao romance *A fome*. Por estas razões, embora Justiniano de Serpa – que em 1920 seria eleito presidente da província do Ceará – fosse, na quadra da publicação do folhetim, conservador “adiantado” e Rodolfo Teófilo tenha, salvo melhor juízo, estado sempre próximo das ideias liberais – o que não impediu críticas a práticas do partido quando no poder, que Teófilo veiculou também em *A fome* –, não é de se estranhar que ele tenha publicado seu folhetim no órgão conservador adiantado.

Nas próximas páginas, tabelas comparativas permitirão o cotejo com atenção filológica de parte dos capítulos do folhetim “Scenas da secca” que encontrei nos números sobreviventes do *Constituição* de 1878 com capítulos do livro de 1890. Do cotejo de alguns trechos selecionados, já que um cotejo mais abrangente exige uma futura edição crítica do romance, segue a hipótese de que *A fome* teve uma primeira versão em folhetim, publicada no todo ou em parte em *Constituição: Órgão do Partido Conservador*, no segundo semestre de 1878 e talvez no início de 1879, sob o título “Scenas da secca”.

A Tabela 1 oferece uma visão geral dos números de *Constituição* em que o folhetim foi publicado. Na coluna da direita, fiz uma listagem bastante panorâmica dos capítulos do livro em que trechos do folhetim reaparecem, seja tal e qual estavam no folhetim, seja com transformações, ora mais agudas, ora pouco incisivas. Em negrito, na tabela, estão listados os capítulos do folhetim; em itálico listei um conjunto de “Bilhetes amorosos” que um rapaz envia para sua amada. Não foi possível estabelecer se os bilhetes fazem parte do folhetim ou se eram uma publicação intercalada. Todavia, folhetim e bilhetes parecem ter a mesma autoria.

Duas questões precisam ser pontuadas para melhor compreensão da tabela: a primeira indica que Teófilo repetiu, no livro, parte da ordenação dos capítulos do folhetim, ou seja, grosso modo, ao capítulo III do folhetim corresponde o capítulo III da terceira parte do livro e assim sucessivamente. Esta é, sem dúvida, mais uma prova para que seja atribuída a Teófilo a autoria do folhetim. De fato, a análise da tabela sugere que o folhetim foi recomposto sobretudo para se tornar a terceira e última parte do romance, intitulada “Misérias”, de fatura considerada pela fortuna crítica do autor mais romântica do que a das outras duas partes, ainda que alguns trechos saídos anteriormente no jornal tenham sido encaixados em outros momentos da trama do livro, nas partes I, “Êxodo”, e, em menor medida, na parte II, “A casa negreira”. Isso ajuda a explicar a conclusão à qual chegaram diversos estudos a respeito de *A fome*, a indicar na narrativa uma copresença de modos realistas e naturalistas com modos românticos (Almeida, 2007; Pinheiro, 2011). Afinal, a terceira parte do romance teria, na verdade, sido planejada e em boa parte escrita em 1878 como um folhetim adequadamente romântico e melodramático.

A segunda questão matiza a primeira: ainda que Teófilo tenha seguido, ao montar a terceira parte do livro, o plano do folhetim, ele se valeu do folhetim para compor diversas outras passagens do livro. De fato, é possível encontrar parágrafos e frases do folhetim desde o início da parte I do livro, como também fica indicado na tabela.

Tabela 1 – Descrição dos folhetins que constam nos números conservados de *Constituição: Órgão do Partido Conservador* de 1878

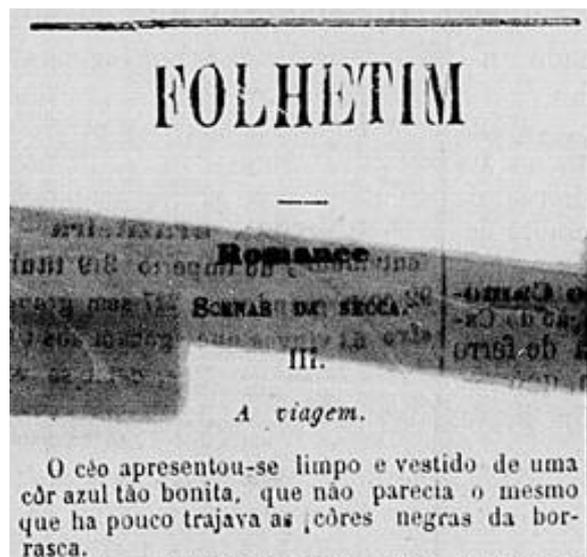
Data e número do periódico	Títulos e informações da publicação do folhetim em <i>Constituição</i>	Capítulos e partes correspondentes em <i>A fome</i>
03/10/78 n. 75	FOLHETIM/ Romance/ Scenas da secca/ III. A viagem	Capítulo VIII, parte I
10/10/78 n. 76	FOLHETIM/ Sexto bilhete amoroso/ Minha joven Josepha	
13/10/78 n. 77	FOLHETIM/ Sétimo bilhete amoroso/ Minha joven Josepha	
17/10/78 n. 78	FOLHETIM/ Romance/ Scenas da secca/ III. A viagem (cont.)	Capítulo VIII, parte I
Faltam os n. 79 até 82	-	-
n. 83	Não traz folhetim	-
10/11/78 n. 84	FOLHETIM/ Romance/ Scenas da secca/ O commissario. IV	Capítulos I, III, IV e V, parte III
14/11/78 n. 85	FOLHETIM/ Romance/ Scenas da secca/ A feiticeira. V	Capítulo IV, parte III
17/11/78 n. 86	FOLHETIM/ Romance/ Scenas da secca/ A feiticeira. V (cont.)	Capítulo V, parte III
n. 87	Não traz folhetim	-
24/11/78 n. 88	FOLHETIM/ Romance/ A feiticeira. V (cont.)	Capítulo V, parte III
Faltam os n. 89 e 90	-	-
n. 91	Não traz folhetim	-

08/12/78 n. 92	FOLHETIM/ Romance/ A feiticeira. V (cont.)	Capítulo V, parte III
12/12/78 n. 93	FOLHETIM/ Romance/ Scenas da secca/ A emigração. VI	Capítulo VI, parte III
n. 94 a 97	Não trazem folhetim	-
Faltam todos os demais n. de 1878 e 1879	-	-

Fonte: Elaboração do autor.

A primeira entrada do folhetim que sobreviveu, mesmo que entrecortada, à crítica das traças, é a do capítulo III, “A viagem”, que saiu em 3 de outubro de 1878. Como era praxe na imprensa da época, o folhetim ocupava o rodapé da primeira página do jornal. Para apresentá-lo, além da palavra “FOLHETIM”, em caixa alta, chamando bastante atenção, vinha, abaixo, em negrito, a palavra “Romance”, seguida do título “Scenas da secca”, e, a seguir, o número e o título do capítulo. Em nenhuma das entregas remanescentes do folhetim consta assinatura do autor.

Figura 1—Aspecto da primeira página do jornal *Constituição*, com o folhetim anônimo



Fonte: Scenas (1878a).

O fato de a noção de romance aparecer na página como que modalizando a ideia de folhetim tem relativa importância para definirmos a autoria deste último. No livro de 1890, a crítica aos romances “livres” oferecidos a Carolina pelo vilão da história, Simeão, dá a ver uma concepção de literatura como, por assim dizer, entretenimento didático. No folhetim, há – e isto será tratado com mais desenvolvimento adiante neste ensaio – forte crítica aos enredos do escritor francês Paul de Kock, que, quando da publicação do livro de Teófilo, já não era o fenômeno editorial que tinha sido nas décadas anteriores (Abreu, 2008; Meyer, 1997). De todo o modo, permaneceu sendo, tanto em 1878, quando saiu o folhetim, quanto em 1890, quando saiu o livro, um dos romancistas mais lidos no Brasil. Um dos primeiros folhetins publicados, ainda em 1839, no *Jornal do Commercio*, era assinado por Paul de Kock e intitulado *Edmundo*

e sua prima. Talvez não seja coincidência que o mocinho da trama de Teófilo se chame justamente Edmundo: não por homenagem a Paul de Kock, mas como forma de criticá-lo – e, provavelmente, criticá-lo por meio de trejeitos formais colhidos em Alexandre Dumas e no seu Edmond de *O conde de Monte Cristo*.

Assim, a palavra “romance” especifica a função do folhetim, que, no *Constituição* era espaço não fixo, sendo por vezes tomado por artigos de fundo. Ao assinalar o gênero de “Scenas da secca”, o jornal chamava atenção sobre aquele espaço tipográfico, pois o romance foi um dos gêneros mais lidos, em jornais, revistas, opúsculos e livros, ao longo da segunda metade do século XIX. A palavra com certeza chamava atenção de quem lia. Teófilo sabia disso, o que fez com que tenha procurado antecipar e deslocar certas premissas da leitura do gênero. Portanto, o uso da palavra “romance” no emblema de apresentação do folhetim o insere em uma disputa para a definição do destino do gênero nos impressos da época: “Scenas da secca” se pretendia mais romance do que folhetim, contrapondo-se ao modo como Paul de Kock e outros folhetinistas encenavam a degradação social. Um romance tinha o papel não apenas de dar a ver a degradação, mas também de indicar aqueles que supostamente seriam os melhores caminhos individuais e sociais para resolvê-la.

No capítulo III de “Scenas da secca”, “A viagem”, o primeiro dos capítulos do folhetim ainda preservados, o protagonista da narrativa, Freitas, tenta encontrar uma solução para a falta de água no seu entorno. Sua esposa Josepha teme que ela, a filha Carolina, e os outros três filhos morram de sede. Freitas encontra uma floresta de xiquexiques, que colhe com técnica adequada e fatia bem fino, para assar. Dessa forma, mata a sede e a fome da família.

Esta é a ação e estes são os personagens presentes no capítulo, ainda que diversos trechos estejam mutilados e ilegíveis. Fica saliente nele uma perspectiva narrativa que conhece o manejo popular das plantas, com detalhes precisos a respeito da escolha e da preparação dos xiquexiques mais adequados para o fim de matar a sede e a fome. A ação, o nome das personagens e a perspectiva narrativa são muito similares ou idênticos às do romance *A fome*. Também nele, as personagens são, inicialmente, o fazendeiro Freitas, sua esposa Josepha, sua filha mais velha, Carolina, e crianças pequenas, não nomeadas, sendo uma delas de colo. Contudo, no livro as crianças são quatro. No folhetim, três.

Posto que a primeira página do número do periódico publicado em 3 de outubro resta bastante danificada, não é possível visualizar o número da publicação, estampado no alto à direita. Ainda assim, o jornal anunciava-se, naquele momento, como bissemanal; e, com base nas datas dos números em que o folhetim foi sendo entregue posteriormente, é possível inferir que, àquela altura de 1878, o periódico era bissemanal, ainda que eventualmente saísse apenas uma vez por semana, o que contraria em parte a descrição feita pelo *Catálogo dos jornais de grande e pequeno formato publicados no Ceará*.

O folhetim foi publicado de modo intercalado com bilhetes amorosos de um homem apaixonado – por suposto, o próprio Freitas – para Josepha. Nos bilhetes, o homem reflete sobre a seca e as riquezas naturais do país e do sertão. Essa estrutura se assemelha aos contos de história natural que Teófilo publicaria em 1887 em *A Quinzena* e, em seguida, em livro de grande circulação em escolas de todo o país ao longo de muitos anos, *Sciencias naturaes em contos*. Tanto nos contos de *A Quinzena* como nos contos de *Sciencias naturaes*, o narrador e protagonista conversa com sua esposa a respeito de assuntos da ciência. Com isso, mesmo que as cartas não sejam parte do romance de folhetim que saía intercalado com elas – dúvida que talvez seja resolvida em futuras pesquisas –, muito provavelmente, por serem tão parecidas

com os contos que viriam à luz depois, foram também escritas por Rodolfo Teófilo. Por essa razão aparecem na Tabela 1, o que acaba por sugerir a hipótese de que Teófilo era o responsável pelo espaço do folhetim do *Constituição* naquele período.

Após dois números do jornal dedicados aos bilhetes amorosos, em 17 de outubro o capítulo III de “Scenas da secca” teve continuidade. As personagens são as mesmas e a ação continua depois que a família comeu as fatias de xiquexique assadas. Freitas faz expedições para conseguir comida para a esposa e os filhos. De repente, escuta gemidos. Segue-se o trecho do folhetim de 1878, que cito em extensão no lado esquerdo do quadro abaixo. À direita, para facilitar o cotejo, o trecho correlato no romance de 1890, conforme consta na primeira edição. Teófilo ainda faria uma revisão, em 1922, para a segunda edição de *A fome*, que serviu como base para as outras duas: a coordenada por Otacílio Colares em 1979, pela José Olímpio; e a publicada pela Tordesilhas em 2011.

Tabela 2 – Excertos do folhetim e do romance

“Scenas da secca” (1878), capítulo III	<i>A fome: cenas da seca</i> (1890), capítulo VIII, parte I
<p>Deitada sobre uma pedra estava uma mulher já bastante velha, tinha os membros estendidos e imóveis pelo cansaço e pela inanição. Mal lhe chegavam as forças para soltar um rouco gemido quando o agudo bico dos urubus que a devoravam mergulhava-se-lhe nos olhos. Os urubus famintos a rodej[avam], depois de terem lhe furado os olhos, [ilegível] desesperados pela fome abriam-lhe [ilegível] e devoravam-lhe os intestinos.</p> <p>Infeliz creatura assistia qual Prometheu as lentas agonias de uma morte repassada das maiores angustias, sem poder estender o braço, que tocado da inanição conservava-se estendido e imóvel.</p> <p>Quem poderá imaginar o supplicio atroz d’aquella desgraçada, quando ca[hiu] e viu-se cercada de esfaimados urubus!</p> <p>Quanta afflicção quando via que os seus gritos pedindo socorro morriam na solidão d’aquelle deserto e ninguém lhe respondia!</p> <p>Que dor ao receber n[os] supplicantes olhos fitos no céu as bicaradas agudas d’aquellas aves maldictas!</p> <p>Não pode haver maior tortura!</p> <p>Aquella infeliz já no fim de uma existencia, quem sabe se feliz ou malfadada, arrastava-se alquebrada ao peso dos annos e enfraquecida pelas contrariedades e pela miseria [ilegível] procurando augmentar mais um pouco o tempo de sua perigrinação neste mundo [ilegível] Mal sabia ella que antes de chegar a seu destino [ilegível] fulminada pelo raio exterminador da fome [ilegível] [entra]nhas ainda quentes seriam [r]as[ilegível] por famintos corvos.</p>	<p>[Freitas] [s]eguia caminho da fonte, quando, ao passar pela ribanceira de um riacho sêcco, ouviu alguns gemidos. Parou e pensou logo em alguma nova desgraça. Os gemidos se repetiam; tomando o rumo de onde elles lhe pareciam vir, Freitas caminhou. Não foi preciso andar muito para ser espectador de uma scena terrivel. Um grande lagedo estirado ao rez do chão, guardado por um grupo de angicos desfolhados, servia de palco a um drama da fome. Deitada sobre a pedra, na postura de crucificada, uma mulher tão magra como uma mumia, era devorada ainda viva pelos urubús. Banquete horrível! Como o Prometheu da mythologia, immovel e sem acção, ella sente rasgarem-lhe as entranhas as garras e os bicos acerados das aves malditas! Vivia ainda quando gulosos urubús, que das alturas devassavam a terra procurando repasto á fome, vêem-na e descem sobre ella.</p> <p>O crocitar tetrico das aves disputando o melhor quinhão da presa, seu passo lento e grave, e a vestidura negra, como os convivas de um prestito fúnebre, aterram a desgraçada, sem forças para reagir, mas ainda com consciencia para temer e sentir; e como o unico e derradeiro esforço da vontade, que se aniquila, ella lança um olhar supplice para o céu, um olhar cuja luz vacilante reflectem duas lágrimas que tremem entre as pálpebras mal cerradas.</p> <p>Os urubus crocitando sempre, alternando o canto pavoroso com pios agudos e longos, aproximam-se da victima e o banquete começa. Os bicos compridos e aguçados rasgam o ventre e puxam o intestino que se desenrola á mercê da gula das aves. As visceras são arrancadas do tronco e devoradas com gula famelica! Os mais fracos receiam disputar aos companheiros um pedaço de intestino, e, covardes, cercam a cabeça da victima e lhe vasam os olhos ás bicadas! Ella vivia ainda; suas pupilas se fitavam no azul do céu, quando a luz se apaga de repente e nas agonias de dôr tão cruciante sente que a vida foge com as ultimas ondas da do dia que para sempre desaparece de seus olhos.</p>

Fonte: Scenas (1878b, p. 1) e Theophilo (1890, p. 73-74).

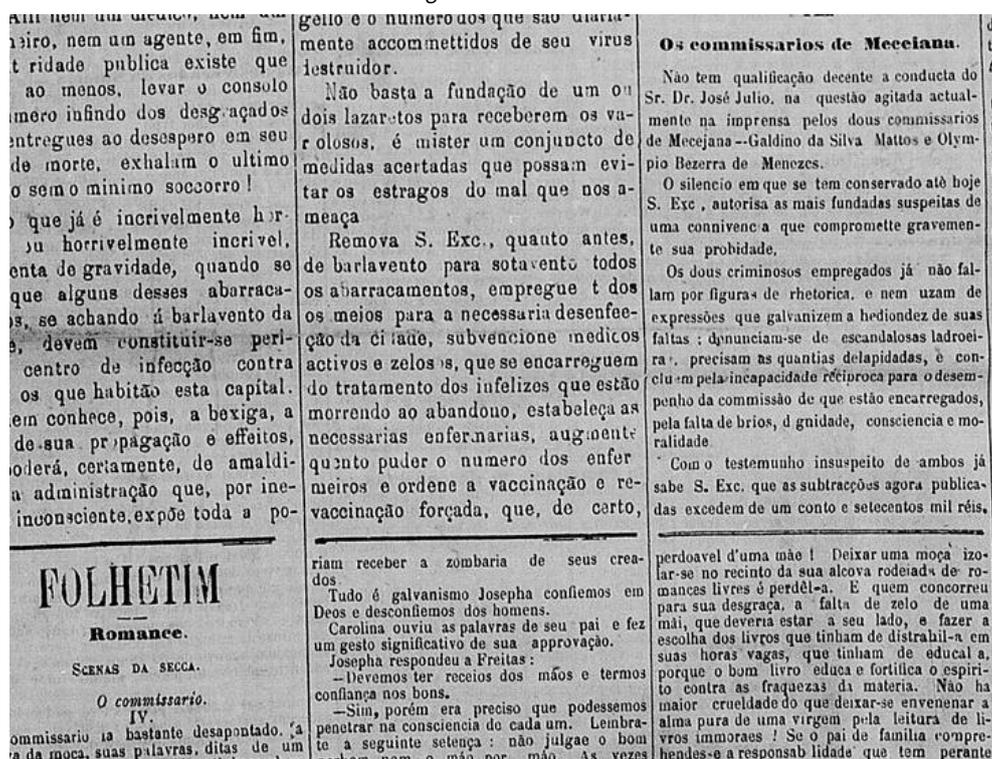
O foco narrativo de ambos os trechos se apoia em Freitas, que observa o ataque dos urubus e reflete a respeito do que vê. No romance, a ideia que já estruturava o folhetim, de um teatro da fome, com cenas das quais Freitas é uma espécie de *raisonneur*, aparece mais incorporada ao ser do protagonista. O folhetim e o romance trazem a alusão a Prometeu, comum no jornalismo do século XIX, reforçando ambos a imobilidade da mulher já bastante idosa ou simplesmente mulher (na segunda versão) supliciada pelos urubus e pela fome. Ocorre ainda uma correspondência vocabular bastante específica, quando, por exemplo, os dois trechos usam “aves malditas” como expressão sinônima para “urubus”. O ambiente metafórico correspondente nas duas passagens, em torno da imagem de Prometeu e dos urubus, é outra evidência que sustenta a hipótese de uma reescrita do primeiro no segundo trecho. Além de tudo, Teófilo reorganizou sua ideia de ficção em torno de uma concepção de prosa de ficção relacionada com o teatro – as cenas, o espetáculo – como melhor modo de construir memória do drama da seca dos mil dias. No folhetim, antes de chegar ao lugar onde a velha senhora agoniza, Freitas diz para si mesmo, enquanto escuta gemidos: “Estarei condenado a ser testemunha das mais pungentes cenas de miséria! Bem, assistirei a tudo” (Scenas, 1878b, p. 1). No romance, ele se torna “espectador de uma cena terrível”. Esta posição de Freitas – espectador das cenas da seca – fundamenta o plano ficcional de ambos os trechos.

Haveria ainda inúmeros outros elementos coincidentes entre os trechos, mas a comparação entre estes elementos leva sempre para a mesma hipótese, de que um mesmo autor escreveu ambos os trechos.

Infelizmente, perderam-se os números 79, 80, 81, 82 e 83 do periódico, quando provavelmente saíram novas entregas do romance.

A entrega do dia 10 de novembro de 1878, todavia, apresenta uma característica que enlaça o folhetim ao jornal no qual foi publicado, mostrando certo diálogo entre decisões estéticas e decisões editoriais. A Figura 2, a seguir, mostra que, enquanto o jornal dedicava a primeira página para criticar dois comissários do governo na Messejana por serem corruptos em relação à distribuição de alimentos e recursos, e lenientes em relação ao sofrimento causado pela epidemia de varíola, o folhetim, logo abaixo, trazia o personagem comissário, que reaparece no romance como o grande vilão da trama.

Figura 2 – Recorte do jornal *Constituição* de 10 de novembro de 1878, com ênfase na concomitância da crítica aos comissários da seca nos artigos de fundo e no folhetim



Fonte: Scenas (1878c, p. 1).

Trabalhos a respeito de *A fome* e da trajetória de Teófilo salientam, com razão, que Teófilo colheu dos jornais episódios do romance (Neto, 1999; Neves, 2007), mas o que temos nesta página é um procedimento criativo um tanto diferente: não é que os jornais publicavam histórias que, em seguida, o folhetinista utilizava na sua composição. A Figura 2 sugere antes que o folhetim e os jornais produziram ao mesmo tempo narrativas de crítica à inação governamental para socorrer a população da fome e da varíola. Se em 1890, ao finalizar *A fome*, Teófilo retomou, como tudo indica, suas produções anteriores, ele retomou textos escritos ao mesmo tempo em que os artigos de fundo jornalísticos sobre a fome eram escritos. Dessa maneira, Teófilo estava criando – e não reproduzindo ou recriando – modos narrativos de analisar a seca como processo social, político e econômico.

A Figura 2 faz um recorte da primeira página do *Constituição* de 17 de outubro de 1878. O recorte torna visível a copresença da crítica aos comissários no artigo de fundo, no alto e à direita na imagem, e a crítica ao comissário Simeão, espécie de vilão do enredo, no folhetim, à esquerda, embaixo. Desse modo, Teófilo participava de uma experiência corriqueira no Brasil do século XIX, em que escritores montavam suas narrativas para que dialogassem com projetos jornalísticos e editoriais. Com isso, folhetins, não raro, podem ser lidos como partes do discurso do jornal no qual saíram publicados. O deslocamento do folhetim para o livro como que apaga a gênese prosaica do plano folhetinesco, mas não apaga diversas semelhanças entre ambos.

No capítulo do folhetim em que o comissário é apresentado, há uma reflexão do narrador a respeito do perigo que o gênero literário romance representa para a formação das mulheres. “É o romance livre o inimigo mais pernicioso que pôde ter uma mulher” (Scenas, 1878c, p. 1). O comissário pensa em dar um romance de Paul de Kock para Carolina. Ainda que

a crítica aos romances seja um lugar comum nos folhetins e textos jornalísticos da época – e de antes –, Teófilo procurou atentar para a transformação nas leituras do gênero no Brasil. Ao passo que, no folhetim, o criticado é Paul de Kock, no romance a crítica é feita a um livro de 1877, *Mulher forte*, do Monsenhor Landriot, série de conferências para estimular a caridade nas mulheres. Porém, o romance de época em geral recebe críticas de Freitas e de Edmundo. A respeito do volume oferecido pelo comissário para Carolina, Edmundo afirma:

Realista, por certo, uma fotografia de costumes e atos reprovados. A história de um homem vicioso ou de uma mulher depravada. Estudos psicológicos, que devem ser lidos por espíritos cultos e amadurecidos. Esses comissários são audezes!... (Teófilo, 2011, p. 180).

Quatro dias depois da crítica ao comissário, o folhetim apresenta nova personagem, a feiticeira Quitéria do Cabo, também central no romance. Tanto no romance quanto no folhetim, o comissário Simeão de Arruda oferece benefícios para a família Freitas, como estratégia para conquistar Carolina como sua amante. O vilão escolhe Quitéria do Cabo, “a feiticeira”, como sua auxiliar. Seguem na Tabela 3 os trechos do folhetim e do romance em que Quitéria é descrita pelos narradores.

Tabela 3 – Excertos do folhetim e do romance

“Scenas da secca” (1878)	<i>A fome: cenas da seca</i> (1890), capítulo IV, parte III
<p>A escolhida do commissario era conhecida por Quiteria do cabo, por ter sido vivandeira vinte annos de um cabo do exercito.</p> <p>O povo a apelidara de feiticeira porque metia-se a adivinhar, a tirar feitiço, a benzer erysepelas, a curar osso rendido, coser carnes quebradas, levantar espinhelas cahidas e outras muitas bruxarias desta ordem.</p> <p>Gozava grande conceito entre os seus apreciadores e merecia a confiança de seus inúmeros fregueses que a reputavam como distincta curandeira.</p> <p>Os vizinhos a respeitavam muito temendo cahir em seu desagrado. Diziam em segredo alguns, que ella tinha pacto com o diabo, muitos que a tinham visto, a meia noite conversando em uma enrusilhada de caminhos com o demonio, que apparecia na figura de um caxorro preto.</p>	<p>Simeão de Arruda pensava que o coronel ficaria muito satisfeito com a cambraia offerecida a Carolina. Elle contava triumphar, vencer todos os obstaculos que difficultassem a prostituição da filha de Freitas. Entretanto precisava de um auxiliar e lembrou-se de uma feiticeira sua conhecida. Era a Quiteria do Cabo, e chamavam-na assim por ter sido muitos annos vivandeira em companhia de um cabo do exercito. O povo a appellidava de feiticeira, porque ella se mettia á adivinha, a tirar feitiço, benzer erisipelas, curar osso rendido, coser carnes quebradas, sarar feridas de garganta, levantar espinhelas cahidas e outras bruxarias. Era grande a clinica: os seus freguezes consideravam-na optima curandeira e temiam seus maleficios. Os vizinhos respeitavam-na, temendo cahir em seu desagrado. Em segredo diziam que Quiteria tinha pacto com o diabo, com quem conversava todos os annos, na vespera de S. João, em uma encruzilhada á hora da meia noite.</p>

Fonte: Scenas (1878d, p. 1) e Theophilo (1890, p. 231-232).

A Tabela 3 evidencia duas versões de uma mesma descrição da personagem Quitéria, a feiticeira, que foi vivandeira de um cabo etc. Para além disso, ocorrem diversas frases semelhantes ou mesmo idênticas. No folhetim: “Os vizinhos a respeitavam muito temendo cahir em seu desagrado”. No romance: “Os vizinhos respeitavam-na, temendo cahir em seu desagrado”. Todo o plano de ambas as descrições coincide, inclusive em boa parte da lista de males curados por Quitéria. As correlações restam reforçadas na Tabela 4, abaixo.

Tabela 4 – Excertos do folhetim e do romance

“Scenas da secca” (1878)	<i>A fome: cenas da seca</i> (1890), capítulo V, parte III
<p>Um novo persona que o leitor ainda não conhece, tinha apparcido. Era Edmundo da Silveira. Moço de vinte e cinco annos de idade, dotado de intelligencia fertil e caracter sizudo. Orphão ainda em mui tenra idade passou a receber os cuidados e educação de um padre, seu tio paterno. Depois de concluir as primeiras letras foi mandado por seu tio para a capital para estudar os preparatorios em um collegio. Distinguuiu-se por sua applicação e gosto pelas letras e trez annos depois prestava exames de algumas linguas e ciências. Estava portanto habilitado a seguir um curso superior, e pretendia ir matricular-se em Pernambuco na academia de direito. Passavam-lhe pela imaginação os sonhos mais rizonhos sobre o seu futuro, já presentia novos triumphos nas luctas da sciencia, quando uma carta de seu tio, a quem tinha sujeitado a approvação de sua revolução, veio acabar de uma vez com todas as suas aspirações. O velho padre entendia que o homem deve seguir o caminho mais curto a chegar a realidade da vida, que a profissão que mais podia servir ao sobrinho era a de padre. Mostrou-lhe o interesse pelo lado pecuniario, e concluiu dizendo-lhe formalmente que para seguir outro qualquer curso não concorreria com um real.</p>	<p>Edmundo tinha vinte e cinco annos, era intelligente e de bom caracter. Não foram estes dotes que desagradaram a Arruda, mas a regularidade de suas feições. Seus olhos, barba e cabellos, de um negro côr de jucá, assentavam admiravelmente sobre seu rosto de um moreno de jambo. Sua fronte espaçosa e varonil limitava-se por uma cabeça achatada, perfeitamente cearense. Edmundo ficára órphão muito creança e muito pobre. Um seu tio padre encarregou-se de sua educação e mandou-o para o seminario da Fortaleza. Silveira aproveitou bem o tempo e a intelligência. Em tres annos havia concluido os preparatórios exigidos para matricula nas faculdades do imperio. Estava preparado para entrar em qualquer curso superior. Queria ser bacharel em sciencias juridicas e sociaes; padre, nunca. Resolvido a cursar a faculdade de direito do Recife dirigiu-se ao tio communicando-lhe sua resolução e pedindo-lhe authorisação e meios para leval-a a effeito. O velho padre pensava de modo diverso, não admittia vocações. Para elle tanto fazia ser clerigo como soldado, alfaiate como medico, a questão capital era ganhar dinheiro. Procurava o caminho mais curto e a inclinação era letra morta no curso da vida.</p>

Fonte: Scenas (1878e, p. 1) e Theophilo (1890, p. 237-238).

Nesses dois trechos, até mesmo as modificações feitas pelo autor permitem ver, em simples leitura cotejada, que houve um processo de reescrita. Novamente, as personagens são as mesmas (Edmundo, o tio padre) e a situação é a mesma (o narrador relata os anos de formação de Edmundo, par romântico de Carolina, ameaçado pela corrupção do comissário). Também a forma em ambos, o folhetim e o romance, é similar, na medida em que as narrativas necessitam de um personagem para quem o dinheiro não é o principal móvel da vida, ao contrário do comissário.

Seria redundante listar mais evidências que comprovem a hipótese sustentada neste ensaio. Juntar, ao cotejo já feito, o cotejo dos números de folhetim entregues em 24 de novembro, 8 de dezembro e 12 de dezembro de 1878, os últimos que encontramos nos arquivos consultados, nada acrescenta de novo no que concerne à nossa proposição. Com o que ficou apresentado, resta comprovado que *A fome* de Rodolfo Teófilo, o romance de 1890, teve primeira versão em folhetim, provavelmente incompleta, publicada ao longo do segundo semestre de 1878, e, talvez, até o início de 1879. É possível que o folhetim tenha restado inacabado, mas não há espaço para dúvida que Teófilo decidiu retomar o folhetim dando a ele forma de livro mais de uma década depois, o que ressalta o compromisso do autor com a memória da terrível catástrofe humanitária que foi a grande seca.

Do que foi dito, fica enfatizado que, para leituras futuras do romance de Teófilo, é preciso matizar a ideia corrente de que a seca e o jornalismo vieram antes da escrita literária, que teria meramente reproduzido os fatos. A escrita de Teófilo foi também produzida ao mesmo tempo em que o jornalismo apresentava a seca. Ou seja, é uma escrita que participa dos processos que às vezes parece meramente descrever. Assim, o romance de 1890 é ao mesmo tempo uma memória da seca e um compilado de trechos escritos no calor da hora. Ficou também bastante evidente que a história da literatura feita a partir da periodização assentada nas histórias positivistas do final do século XIX acrescenta camadas de mistificação que dificultam

a compreensão de obras como *A fome*, cuja composição se alonga por mais de um período: o Romantismo, o Realismo, o Naturalismo. Com isso, a pesquisa em fontes primárias sinaliza, uma vez mais, seu lugar de máximo interesse no momento em que os estudos literários se voltam ao passado, aos cânones e aos esquecidos, para reavaliá-los. Este ponto leva a uma ponderação necessária quanto às elaborações históricas abstratas, que colocam autores dos centros do capitalismo sempre como aqueles que produzem as novas formas, depois utilizadas para pensar os conteúdos da periferia. Por fim, *A fome*, à luz das novidades aqui trazidas, precisa ser relido e reeditado. Relido a contrapelo e como literatura repleta de estratégias folhetinescas, revela-se um livro, assim como também o conjunto da obra de Teófilo, precioso para estes tempos em que a expansão do capitalismo produz, como produziu durante a grande seca, repetidos colapsos ambientais.

## Referências

ABREU, M. *Trajetórias do romance: circulação, leitura e escrita nos séculos XVIII e XIX*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2008.

ALMEIDA, G. M. de A. *A fome: um romance do Naturalismo?* 2007. Dissertação (Mestrado em Letras) – Departamento de Literatura, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/3441#:~:text=Obra%20publicada%20em%201890%2C%20introdutora,ocorrida%20entre%201877%20a%201879>. Acesso em: 21 maio 2024.

CAMPOS, J. N. B. Secas e políticas públicas no semiárido: ideias, pensadores e períodos. *Estudos Avançados*, v. 28, n. 82, p. 65-88, out./dez. 2014. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-40142014000300005>.

MEYER, M. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

NETO, L. *O poder e a peste*. Fortaleza: Demócrito Rocha, 1999.

NEVES, F. de C. A miséria na literatura: José do Patrocínio e a seca de 1878 no Ceará. *Tempo*, v. 11, n. 22, p. 80-97, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-77042007000100005>.

PINHEIRO, C. R. *Rodolpho Theophilo: a construção de um romancista*. 2011. Dissertação (Mestrado em Letras). Departamento de Literatura – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/3452>. Acesso em: 21 maio 2024.

SCENAS da secca. *Constituição: Órgão do Partido Conservador*, Fortaleza, anno XVI, n. 75, 3 out. 1878a, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/235334/4447>. Acesso em: 21 maio 2024.

SCENAS da secca. *Constituição: Órgão do Partido Conservador*, Fortaleza, anno XVI, n. 78, 17 out. 1878b. Folhetim, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/235334/4459>. Acesso em: 21 maio 2024.

SCENAS da secca. *Constituição: Órgão do Partido Conservador*, Fortaleza, anno XVI, n. 84, 10 nov. 1878c. Folhetim, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/235334/4467>. Acesso em: 21 maio 2024.

SCENAS da secca. *Constituição: Órgão do Partido Conservador*, Fortaleza, anno XVI, n. 85, 14 nov. 1878d. Folhetim, p. 1. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/docreader/235334/4471>. Acesso em: 21 maio 2024.

SCENAS da secca. Constituição: Órgão do Partido Conservador, Fortaleza, anno XVI, n. 86, 17 nov. 1878e. Folhetim, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/235334/4475>. Acesso em: 21 maio 2024.

SOUZA, G. R. *Imprensa literária e modernidade: o naturalismo no periódico A Quinzena (1887-1888)*. Dissertação (Mestrado em Letras). Faculdade de Letras – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/LETR-AQFNLM>. Acesso em: 21 maio 2024.

TEÓFILO, R. *A fome: cenas da secca do Ceará*. São Paulo: Tordesilhas, 2011.

THEOPHILO, R. *A fome: scenas da sêcca do Ceará*. Fortaleza: Gualter R. Silva Editor, 1890.